

frente&verso

documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

**edifício de habitação colectiva
Cooperativa Sache I 2ª fase**

Manuel Correia Fernandes

03

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Projecto Aldoar: Fase 2

Dez anos passados após a construção do “Bloco de Aldoar” podemos encontrar uma diferente abordagem neste novo projeto que Manuel Correia Fernandes desenvolve no terreno vizinho, explorando diferentes tipologias, diferentes morfologias e diferentes ideias de habitar e entender a “casa”.

Neste conjunto edificado, que corresponde à fase 2 da cooperativa Solidariedade e Amizade (SACHE) podemos perceber as diferentes preocupações que o arquiteto assume na ligação entre conceção e materialização, ou seja, entre o processo de entender o projeto e o processo de entender a construção, que caracterizou parte do debate disciplinar dos anos oitenta.

O desenvolvimento e a execução dos projetos para construção alteram-se significativamente. A arquitetura inicia um novo processo de trabalho, de resposta e de permanente convite à variação, a que se associa uma crescente responsabilização do arquiteto, autor-técnico, cada vez mais presente em obra, e a quem, cada vez mais, se incute a capacidade de responder diretamente ao seu desejo de construção, com objetividade, inovação e, sobretudo, com uma criatividade, que agora começava a ser bem-vinda.

Em termos metodológicos, Manuel Correia Fernandes explora nestes edifícios o grande potencial do “corte” como matéria de projeto. Tal como fizera já no Bloco de Aldoar, através da subdivisão em meios pisos de um triplex, organizando distintos sectores na habitação, sugerindo áreas e dimensões diferentes que a apropriação pelos usuários permitiu flexibilizar ou adequar às suas sensibilidades e exigências.

Deste modo, e nesta continuidade, o desenho do projeto não é o único elemento criativo para a realização da arquitetura. Esta não está adstrita apenas

à fase da conceção, mas desenvolve-se pela integração dos aspetos construtivos e pela “descoberta” de novas soluções que melhor descrevam a coerência global que se deseja para o edifício.

Nesta fase, há processos que são abandonados e recusados. A colocação de janelas à face, como as que projetou e construiu no “Bloco de Aldoar”, a recusa por soluções específicas de pormenorização, de difícil produção, sem comprometer as indesejadas humidades ou as demoradas colocações em obra, indiciam uma mudança significativa e decisiva para o modo de entender e fazer o projeto, a construção e a arquitetura.

A posterior introdução dos elementos mais comuns, que a já desenvolvida produção industrial oferece como soluções otimizadas de elementos de construção “pré-construídos” que simplificam os trabalhos em estaleiro, bem como a integração de elementos correntes, que em obra se decidem, demonstram a ideia de que a obra é para Manuel Correia Fernandes ainda uma fase de projeto, ou seja, que o projeto não se esgota no desenho, nem mesmo na obra, o projeto é um processo contínuo que se alimenta não só do arquiteto, mas das relações e das ideias que o arquiteto desenvolve nas conversas com os utentes.

O projeto da habitação é, nesta medida e segundo Manuel Correia Fernandes, um ato contínuo, como uma cidade que não tem um tempo preciso, que acumula experiências e tende mais para a evolução do que para a sua conservação e, como tal, não é um fim em si, senão o registo de um processo em que a obra, pela utilização, se converte em espaço social para uma vida coletiva.

A obra é, decididamente, tudo o que importa ao arquiteto, pois este, mais do que nunca, faz obras, não faz projetos.



“

O arquiteto faz obras, não faz projetos. Aliás, acho muito desinteressante fazer projetos sem o confronto com a obra”

MCF

da obra Carlos Nuno Lacerda Lopes

Projetar para construir

A segunda fase de construção da cooperativa SACHE que Manuel Correia Fernandes projeta nos terrenos reservados para o cemitério ocidental da cidade em Aldoar (plano Auzelle), apresenta uma série de informações bastante representativas acerca do processo de transformação e de evolução que a sociedade portuguesa praticou, quer em termos de criação de uma ideia de habitar ou de um ideal de “casa”, quer ainda quanto aos processos e modos de construir a “sua” habitação e a “sua” cidade.

Do ponto de vista profissional e disciplinar também se assistiram a grandes e profundas alterações. É a obra e as preocupações inerentes à sua realização que começam a ser matéria exclusiva da responsabilidade do arquiteto em termos de solução técnica construtiva e que importava acompanhar permanentemente, pois é pela obra que cada vez mais se qualifica o arquiteto e não pela sua capacidade projetual ou discursiva.

Neste conjunto edificado, o cuidado com que se pormenoriza o projeto é de um grande pragmatismo. Nenhum elemento está a mais ou se apresenta como deleite ou decorrente do mero prazer de desenhar ou de uma “ vaidade ” em produzir alguma diferença que a boa arquitetura não seja daí decorrente. O projeto denuncia uma visão quase contratual entre o arquiteto e a sociedade, onde este assume a sua responsabilidade, onde o arquiteto pretende cumprir a sua obrigação: fornecer um bom projeto, uma boa construção e, por conseguinte, uma boa arquitetura.

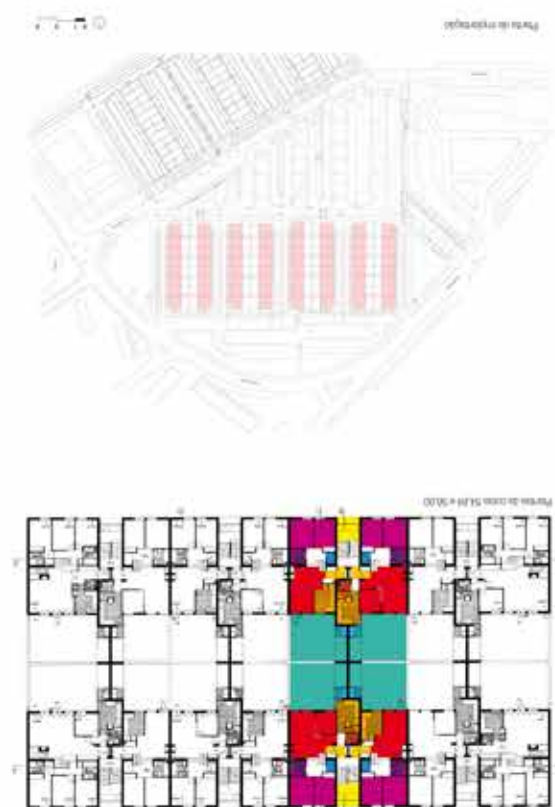
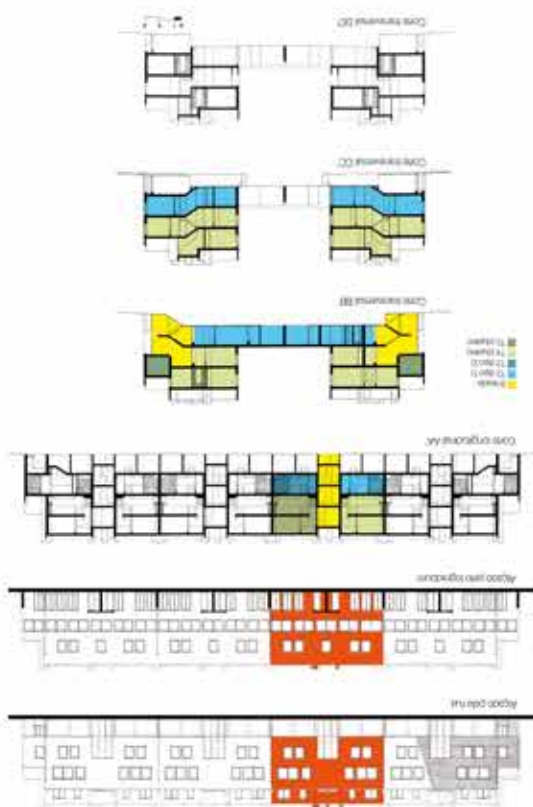
E é nesta medida que o autor diz: *“Acho que os arquitetos devem fazer por se responsabilizarem perante a sociedade. Ter boa arquitetura, ter um bom projeto,*

proporcionar bons espaços, mas num processo que é acompanhado sempre por uma boa construção”.

Naturalmente que se coloca aqui a questão de qual a definição do que é um “bom projeto” e do que é uma “boa arquitetura”, dado que a “boa construção” é possivelmente e cada vez mais mensurável e o restante ainda possui aspetos subjetivos e circunstanciais sempre pertinentes. No entanto, importa confrontar ainda este sentido difuso no projetar que nos edifícios de Aldoar, da Cooperativa SACHE, se verifica pela sucessiva evolução do próprio ato de projetar que Manuel Correia Fernandes aqui evidencia.

A materialização de uma ideia que se estabelece na relação entre projeto, desenho e obra, vai ganhando diferentes expressões que na fase de projeto de execução constituirá toda uma série de recolhas de elementos que vão caracterizar o processo de construção bem como o edifício, pelo que a escolha e a definição de todos os materiais a utilizar contribuiu decisivamente para a criação da imagem que o edifício irá apresentar.

Por isso, podemos perceber que existe uma clara separação entre a fase da aproximação à forma, à conceção, à idealização e a fase de execução que se distingue ainda entre a produção de desenhos do projeto de execução (antes da obra) e os desenhos de execução (para a obra). Deste modo se percebe uma ideia distinta e de valorização que Manuel Correia Fernandes atribui à arquitetura construída face à arquitetura projetada ou desenhada. O sucessivo recurso ao desenho à mão livre, ao esboço, ou até o uso de axonometrias para apoio à conceção, demonstra bem o entendimento operativo e menos contemplativo com que desenvolve o projeto deste conjunto habitacional, cuja urgência é a realização de um projeto para construção.

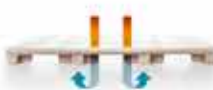




Climatile.

Uma peça cerâmica totalmente inovadora, para o revestimento de coberturas planas não acessíveis, que, mesmo em condições climáticas adversas, mantém o desempenho funcional e estético que lhe é exigido:

A Climatile reflete a radiação solar e proporciona todas as vantagens térmicas de uma cobertura ventilada e sombreada.



Fabrica CLAMH - Centro de Inovação em Materiais e Cerâmicas Avançadas
Av. República (Km 10) 13120-900 Paulínia, SP
Fones: (19) 3333-1000 / 3333-1001
www.ceramclamh.com.br

Convenção Cultural - Instituto Nacional de Cultura - Ministério da Cultura
Climatile® é uma marca registrada do fabricante. Todos os direitos reservados.
Climatile® é uma marca registrada do fabricante. Todos os direitos reservados.
Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados.



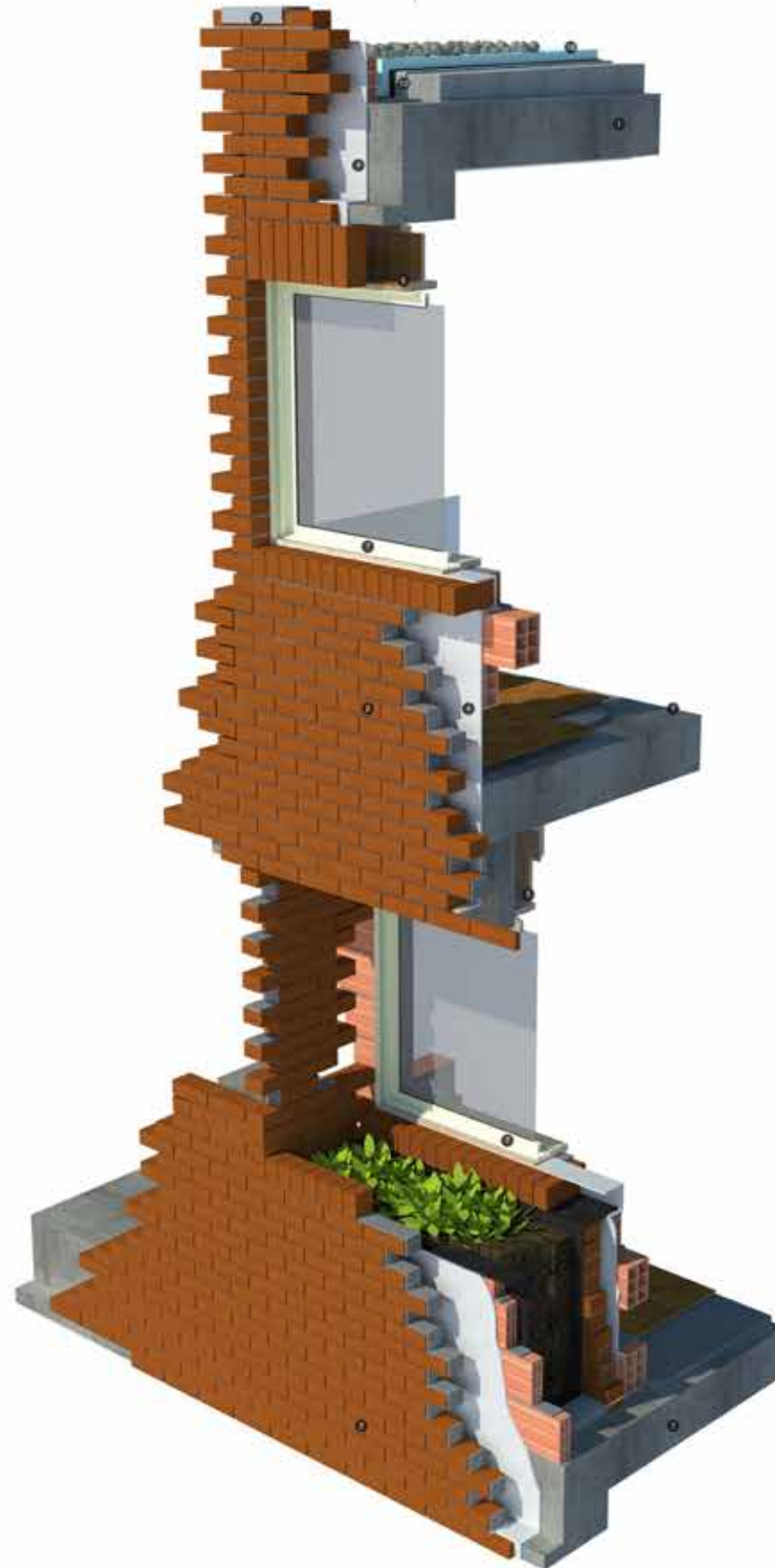
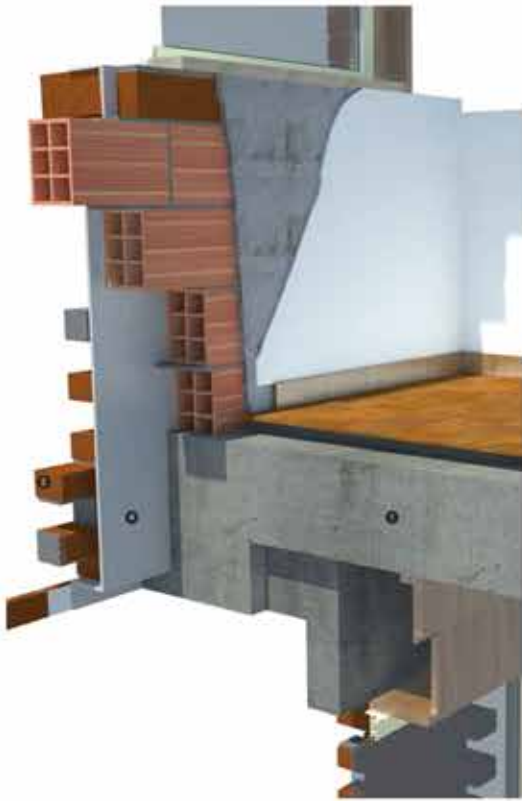




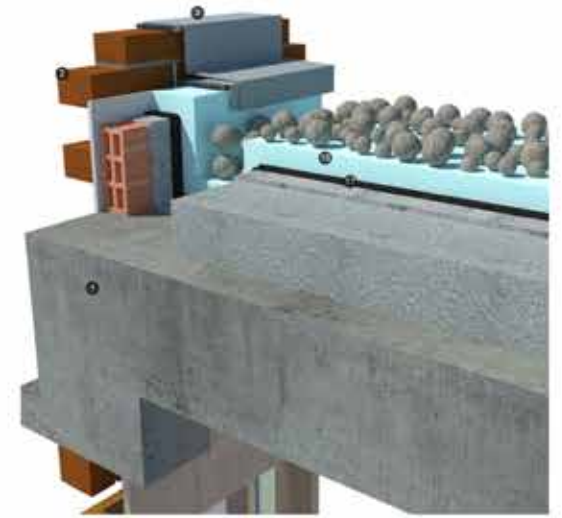


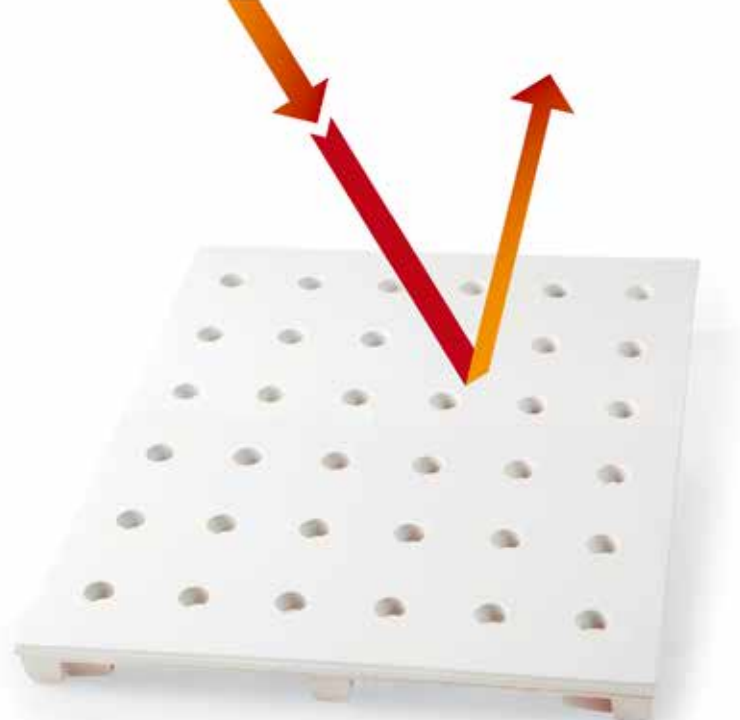


A obra é, decididamente, tudo o que importa ao arquiteto, pois este, mais do que nunca, faz obras, não faz projetos.



- 01 Beto
- 02 Teto aparente
- 03 Zinco 0,75
- 04 Impermeabilização
- 05 Caiso de estria
- 06 Caixa de esgoto
- 07 Caixa d'água de alumínio
- 08 Solera em granito
- 09 Pedra de calha
- 10 Beirado
- 11 Molinete de telha
- 12 Enrocamento
- 13 Apoio em PVC
- 14 Laje de betão
- 15 Graúda
- 16 Isolamento tipo rocha
- 17 Impermeabilização em bitumático





Climatile®

Uma peça cerâmica totalmente inovadora, para o revestimento de coberturas planas não acessíveis, que, mesmo em condições climáticas adversas, mantém o desempenho funcional e estético que lhe é exigido.

A Climatile **reflete a radiação solar e proporciona todas as vantagens térmicas de uma cobertura ventilada e sombreada.**



Edições CIAMH - Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto PORTUGAL
www.arquipp.pt | (+351) 226 057 100
ciamh@up.pt

U. PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

CEAU
CENTRO DE ESTUDOS
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO DA UALP

CIAMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR

COMPETE

QREN
QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
2007-2013

UNião Europeia
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Ministério da Educação e do Ensino Superior

Coordenação Editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes Impressão Tipografia Comercial AC&F
Colaboração Elói Gonçalves, João Gomes, Agata Tenório, Pilar Abreu Lima
Desenho 3D Joana Ribeiro Fotografia Arquivo Manuel Correia Fernandes
Todos os direitos reservados © CIAMH e autores ISSN 2182-8237